

RAPPERS DO SENHOR EM BUSCA DE VISIBILIDADE

'Rappers of God' seeking visibility

Tâmara Lis Reis Umbelino ¹

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de compreender um importante fenômeno religioso que vem se mostrando cada vez mais forte e consistente, que é a busca de visibilidade por jovens, negros de periferia, através da religião. Cultos embalados por Hip-Hop e danças de Boys no altar da igreja são rituais cada vez mais comuns em templos evangélicos de todo o país. E neste ambiente, jovens que sentem invisibilizados pelos veículos de comunicação, encontram uma oportunidade de refazer sua imagem.

Palavras Chave: Visibilidade; Negro; Hip-hop, Comunicação.

ABSTRACT

This paper intends to understand an important religious phenomenon that have become stronger: black youths, that live in peripheral areas of metropolitan cities, have been seeking visibility through religion. Meetings with hip-hop and BBoys dancing frequently took place all over the country. In these places, youths believe that they have visibility through media communication.

Keywords: *Visibility; Black youths; Hip-hop; communication.*

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Jornalista da Rádio Catedral. Professora da Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora.

E-mail: tamaralis@terra.com.br

“... o nosso movimento cresce a cada dia
das ruas do centro até a periferia
o hip-hop gospel ta fazendo história
mas só se lembra quem tem boa memória
uma rapaziada começou a se juntar
e umas idéias começaram a rolar
todo mundo que chegavam tinham algo em comum
o hip-hop era o som nº 1
além do fato de todo mundo ser cristão

sejam desde que nasceu ou após a conversão
mas isso não era suficiente as letras tinham que ser
inteligente
para alcançar a rapaziada
que só que saber de uma vida errada
mas nem tudo eram descontração
faltava apoio da igreja e divulgação
seremos chamados de loucos com certeza
além de o nosso rap ser uma auto defesa.”

(Gospelrap-DJ Alpiste)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a compreender de que maneira grupos formados por jovens negros moradores das periferias das grandes cidades, e em nosso caso particular Juiz de Fora, estão encontrando no meio religioso um espaço que possibilite a formação de sua identidade e construção da auto-estima e de uma série de referências que não são encontradas, por exemplo, nos veículos de comunicação. Estudar este fenômeno em nossa cidade a as conseqüências para grupos de jovens, negros, moradores da periferia mostra-se importante, tendo em vista o grande número de estudos que vem sendo feito neste sentido por pesquisadores de todo o país.

Nesses termos, proposta desse ensaio é entender quais articulações são formadas no ambiente religioso que propiciam o desenvolvimento de uma identidade que reforce os valores relativos à negritude e reforcem a auto-estima de grupos que são constantemente marginalizados e, não raramente invisibilizados, pelos veículos de comunicação de massa. Em busca de valores que possam construir esta identidade há muito fragmentada e fragilizada, estes jovens, em sua grande maioria negros, pobres e evangélicos, se unem em um movimento que chamam Ministério Galera de Cristo, onde discutem política, direitos humanos e também religião.

Este estudo se fundamenta em quatro eixos principais: a questão da negritude, do que é ser jovem, do que é ser morador da periferia e do que é ser pentecostal. Pretende-se compreender o que acontece quando estas diferentes realidades se encontram: como é ser negro, jovem, morador da periferia e pentecostal. Quais valores norteiam as normas de conduta destes jovens? De que maneira eles experimentam a invisibilidade, ou distorção de sua própria imagem, patrocinada pelos meios de comunicação de massa? As formas alternativas de visibilidade que estes grupos vêm buscando, principalmente no campo religioso, estão de fato trazendo resultado?

Começamos então apresentando nosso objeto de estudo. O Ministério Galera de Cristo é um grupo criado em 1996, e que, apesar de ter participantes de diversas regiões da cidade, atua prioritariamente no bairro Santa Efigênia (Zona Sul de Juiz de Fora) e outros bairros da região. Este grupo teve início em um templo da Igreja de Deus no Brasil, localizada no bairro Ipiranga, periferia de Juiz de Fora. O Ministério foi criado com o claro objetivo de resgatar os jovens negros da comunidade, que estavam envolvidos com atividades criminosas e drogas, trazendo-os para o ambiente religioso. E, segundo entrevista com o fundador do Ministério, J. J, 32 anos, mais conhecido como Negro Bússola (o nome foi escolhido com base em dois propósitos bem definidos: reforçar o orgulho do pertencimento à raça negra e mostrar que seu objetivo é atuar mostrando um “norte” para estes garotos que se sentem à deriva na sociedade), o grupo mantém ainda o forte propósito de garantir a estes jovens visibilidade e possibilidade de construir uma auto-imagem diferente daquela difundida pelos veículos de comunicação de massa, onde estes jovens são freqüentemente retratados como delinqüentes e, muitas vezes, sem chance de se pronunciar sobre os fatos nos quais estão envolvidos.

Creemos ser importante também que, antes de qualquer análise ser feita, esclarecer os motivos que nos fizeram interessar por este tema e de que maneira aconteceu a aproximação com o grupo que mais tarde se tornaria meu local de estudo. Não esquecendo, contudo que

Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam **nas** aldeias. Você pode estudar coisas em diferentes locais, e algumas coisas (...) podem ser melhor estudadas em localidades isoladas. Isso não faz do lugar o que você está estudando (GEERTZ, 1989, p. 32).

Sendo assim, através do grupo em questão, buscou-se compreender de que maneira este fenômeno da busca de visibilidade e construção de auto-estima vem sendo vivido por grupos formados por jovens, negros, moradores das periferias, através, principalmente do movimento de Hip Hop Gospel.

A escolha pelo Hip Hop é facilmente justificada pelos membros deste movimento quando alegam que o Hip Hop é sem dúvida uma das maiores expressões da população negra, capaz de mexer, além da mente, com a alma da população negra marginalizada, como acontece nos Estados Unidos. O arquiteto, urbanista e consultor de projetos como o Programa Favela-Bairro, Manoel Ribeiro, que se tornou um estudioso das comunidades carentes de morro e periferia, também destacou em entrevista recente a importância deste estilo musical como instrumento de politização desta parcela da sociedade

hip-hop é mais a expressão da diáspora negra internacional. É o compromisso com uma luta e um processo de conscientização. Talvez não seja nem música. Tanto que aqui no Brasil há uma certa rejeição do hip-hop pela mídia (RIBEIRO, 2007, p.02).

Para estes jovens que encontram claras dificuldades de se verem retratados nos veículos de comunicação de massa e raramente conseguem contar sua própria história de acordo com seus valores e usando sua linguagem, o Hip Hop Gospel se apresenta como redenção da vida marginal, não só pela forma, mas também pelo conteúdo versado pelos Rappers.

1 MINISTÉRIO EM MOVIMENTO

É importante destacar que as atividades do Ministério Galera de Cristo (MGC) não se restringem aos cultos nas igrejas e momentos de oração. Os jovens também se reúnem para discutir assuntos que afetam diretamente suas vidas como vícios, violência e marginalidade, além de fatos e ações que promovam a igualdade racial. Um exemplo de promoção de debates sobre a condição do negro na sociedade brasileira é o Projeto Café com Hip-Hop promovido com regularidade pelo Ministério Galera de Cristo no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, centro de Juiz de Fora.

Tivemos a oportunidade de estar na edição promovida em 11 de janeiro de 2007, ocasião em que, segundo os organizadores do evento, foram reunidos mais de 350 jovens de diferentes periferias da cidade e de diversas denominações evangélicas. No Café com Hip Hop há espaço para apresentações de dança, grafite e DJs. É um momento para, dentre outras coisas, manter e fortalecer a presença do Hip Hop nestas comunidades, além de apresentar uma nova leitura desta expressão artística que passa a funcionar como instrumento de evangelização.

Apesar de já ter cerca de 20 anos, a história do movimento Hip Hop no Brasil ainda não foi contada de forma sistematizada. Há muitas controvérsias sobre a origem do movimento. Para alguns ele teria nascido na Jamaica, para outros (como acredita Negro Bússola) é um movimento tipicamente norte-americano que nasceu da necessidade de comunicação dos negros de diferentes estados nas lutas e conquistas políticas em 1960.

Durante o *Café com Hip Hop*, jovens de diversas partes da cidade se reúnem para apresentar os trabalhos que vêm sendo feitos junto à comunidade dos bairros em que vivem, alguns com apoio de políticos e organismos municipais, outros realizados através de iniciativas individuais. No entanto, apesar da divulgação prévia feita por alguns veículos de

comunicação da cidade, sempre no espaço dedicado à cultura. Importante destacar que estas ações não são tratadas como um movimento político destes jovens em busca de reconhecimento social e cidadania, isto porque, como comumente acontece, aos negros é relegado na mídia o espaço relacionado à música, cultura e ao exótico.

Mesmo com a publicação de notas nos dias que antecedem ao evento, os organizadores destacam que nunca houve, por parte dos órgãos de comunicação da cidade, uma cobertura jornalística no momento do evento, embora *releases* com informações sobre data, horário e local do evento tenham sido enviados e recebidos por estes veículos, haja vista o fato de terem noticiado a realização do evento nos dias que o antecederam.

Durante a realização do evento é pouco notada a presença de outras pessoas que não aquelas que façam, de fato, parte do movimento. Os presentes são, em sua maioria, negros, jovens e pelas roupas, cabelos e assuntos tratados nas rodinhas de conversa, integrantes do movimento Hip Hop. Não é raro notar em alguns deles uma postura agressiva e por vezes desconfiada em relação aos curiosos que se aproximam para saber do que trata o evento.

Percebe-se durante o encontro a grande presença de jovens DJs dispostos a fazer uma performance em busca de novas oportunidades de trabalho. Muitos deles já atuam, ainda que de forma voluntária, em algumas rádios comunitárias e piratas como locutores e Dj's. Vale lembrar, como bem definiu a antropóloga Jane Souto em "Os outros lados do Funk Carioca" que, assim como acontece com o Funk, o Hip Hop ampliou o mercado de trabalho para os jovens, oferecendo a eles perspectivas de trabalho de mais prestígio que as funções comumente desempenhadas por jovens de periferia.

Como se não bastassem os problemas do cotidiano, estes jovens também convivem diariamente como uma invisibilidade ou distorção da auto-imagem proporcionada pela mídia que, grande parte das vezes, ignora suas manifestações políticas e necessidades sociais. O espaço destinado a eles, quando existe, é, quase em sua totalidade, ocupado por referências ligadas às artes e à música. A presença social desta parcela da população é notadamente relacionada aos eventos envolvendo violência e marginalidade. Alvin e Paim (2000, [S.I.]) trabalharam de maneira clara este problema ao expor que

Ao divulgarem a imagem estereotipada de jovem suburbano como jovens ameaçadores, envolvidos com crimes, saques e sublevações, os meios de comunicação conduzem à representação do público sobre um tipo de protesto dos jovens das classes populares. Mesmo consciente de que não se pode atribuir exclusivamente à imprensa a responsabilidade pelo modo como são encaminhadas estas notícias, já que o público mantém em relação a elas um tipo de voracidade que concorre para sua crescente exibição, é no campo próprio à mídia que elas se tornam espetaculares.

Ainda neste texto, as autoras destacam que “Os jovens dos subúrbios são, em sua maioria, imigrantes que ganharam existência visível a partir de um acontecimento veiculado pela mídia” (ALVIM; PAIM, 2000, [S.l.]).

Fica, portanto, cada vez mais difícil para estes jovens construírem uma imagem positiva de si mesmos e reforçarem sua auto-estima, tendo em vista o enfoque negativo com o qual são tratadas as notícias relacionadas a este grupo social.

Um destes jovens contou durante entrevista que havia entrado em contato com três veículos de comunicação da cidade (duas TVs e uma emissora de rádio), pedindo cobertura para um evento de prestação de serviço que aconteceria na comunidade durante o final de semana. Estavam programados serviços de corte de cabelo, aferição de pressão arterial, palestras educativas sobre doenças sexualmente transmissíveis e orientações sobre direitos trabalhistas. O evento teve início às 10 horas e nenhum veículo havia aparecido para fazer qualquer cobertura. Por volta das 16h30 um dos jovens atendidos pelo programa se envolveu em uma briga no local e atirou em outro homem. Exatos 15 minutos depois jornalistas das duas emissoras de TV e de três emissoras de rádio (incluindo a que havia sido convidada para cobrir o evento) estavam no local para fazer uma matéria sobre a violência na periferia. Fatos como estes não são um acontecimento isolado na vida destes jovens e na realidade das redações jornalísticas, que já se acostumaram a “subir o morro” apenas para buscar matérias que figurem no noticiário policial.

É justamente neste vácuo deixado pelo poder público e ampliado pelos veículos de comunicação que surge a religião. Um espaço que permite a estes jovens, além de manifestarem suas crenças religiosas, continuarem a ser quem são com seus valores estéticos e manifestações culturais.

O fruto desta “liberdade” encontrada por eles no meio religioso, no caso presente em especial no meio Evangélico, fez que com que nascesse uma expressão artística que ganha espaço em todo o país, com destaque para o Distrito Federal, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais: o Hip Hop Gospel. O Gospel tem origens na música nascida nas fazendas de

escravos no sul dos Estados Unidos e se tornou uma importante referência no cenário musical norte-americano lançando nomes como Mahalia Jackson, Aretha Franklin, Ray Charles e um de seus divulgadores mais importantes Elvis Presley.

No Brasil o termo gospel, como designação de todo tipo de música cristã, foi utilizado pela primeira vez nos anos 80 pela Gravadora Gospel Records. A popularização do gênero no país aconteceu no final de década de 80 e vem crescendo até hoje. Atualmente já existem representantes do Hip Hop gospel reconhecidos no cenário musical secular, como o Rapper Dj Alpiste, um dos pioneiros na divulgação do Hip-Hop nas igrejas nos anos 90. Seu primeiro CD, Transformação, lançado em 1997 vendeu mais de 30 mil cópias e de lá para cá já são mais de cinco CD's lançados.

Como já foi estudado por importantes cientistas sociais e estudiosos da Religião, para os evangélicos, o lazer e a religião se misturam. Na opinião de Negro Bússola, líder do Ministério Galera de Cristo, muito da aproximação destes jovens com a nova proposta religiosa deve-se ao fato da identidade entre a postura do “novo crente” e aquela já assumida pelos jovens antes da conversão.

O fato de não ser preciso se transformar em quem não se é, deixa o jovem mais à vontade para assumir suas crenças religiosas e se posicionar perante os amigos e a comunidade. Comportamento semelhante ao relatado por Cunha

passa pela compreensão desses jovens de que existem determinados limites. Estes estão nitidamente expressos no desejo de assumir uma “identidade religiosa” que não represente submissão – “ser crente” – por exemplo, não deixando de usar o penteado e a vestimenta que mais lhe agrada. O que se postula é uma vida “santa” na fé e nas práticas, e menos nas aparências e nos costumes” (CUNHA, 1993, p. 16).

Além disto, outro fator importante para a aproximação destes jovens da igreja é o fato de que o primeiro contato é feito de maneira individual, particular e no espaço onde este jovem vive ou frequenta. Não é preciso que ele se direcione para o templo para “conhecer a palavra”. Negro Bússola conta que uma das principais atividades do Ministério Galera de Cristo são visitas às portas de bailes Funks, bares e até mesmo aos “puteiros”, pois é lá, segundo ele, que estão aqueles que mais precisam ouvir a palavra de Jesus. O discurso com o qual a palavra é apresentada a estes jovens também facilita, em muito a recepção. Gírias, expressões e o ritmo, já conhecido e apreciado por estes jovens, faz com que a forma seduza para o conteúdo que virá a seguir.

Assim, como os “irmãos” não pregavam a palavra enclausurados em ternos escuros e usando megafones e alto-falantes, mas através de mecanismos que envolviam em “convencimento” diário em conversas, no testemunho usando linguagem coloquial, na relação igualitária que mantinham com os rastas – repelidos devido à sua aparência na maioria das vezes (CUNHA, 1993, P.08).

Os jovens que antes usavam seus dons de cantar, dançar, em atividades não ligadas a religião, julgam que este tempo foi perdido e que só agora, depois que colocaram seus dons a serviço de Deus eles estão de fato sendo usados como deveriam. Nas celebrações, a separação entre sagrado/profano é muito difícil de ser feita. O que parece é que o fenômeno que pretende-se estudar está situado em um meio termo.

Num extremo temos as ações que são inteiramente profanas, inteiramente funcionais, pura e simples técnica. No outro temos as ações que são inteiramente sagradas, estritamente estéticas, tecnicamente não funcionais. Entre esses dois extremos temos a grande maioria das ações sociais que participam em parte de uma das esferas e em parte da outra (LEACH, 1995, p.76).

O que se constata é que estes jovens se percebem livres para serem quem são. Mas faz-se importante destacar que, para que este fenômeno se apresente, é necessário que haja uma negociação entre os representantes religiosos das mais diversas igrejas que fazem parte da Galera de Cristo, e dos jovens que querem fazer parte deste grupo social. Para Simmel, por exemplo, a liberdade é o resultado de uma “mudança de constrangimentos” ou seja, ela acontece em um contexto de obrigações onde o que há é uma troca. Livramos-nos de algumas obrigações que deram lugar a outras. Liberdade seria, portanto, uma forma de lidar com constrangimentos e obrigações.

Não é possível compreender este grupo de jovens que formam o Ministério Galera de Cristo dissociados da realidade em que vivem e de outros grupos dos quais fazem parte. Ser membro do Ministério é apenas uma das facetas destes jovens que também dividem, fazem parte do grupo dos negros, pobres e moradores das periferias.

É necessário compreender de que forma a sociedade na qual estão inseridos foi decisiva para o aparecimento deste tipo de manifestação religiosa. Quais os fatores favorecem em torno deste grupo para, através da religião, reconstruir sua identidade. Vemos que estes grupos apresentam como características identidades fragmentadas e fragilizadas pela ausência de agentes externos que as reforcem ou valorizem. Estes jovens buscam então, referências, na grande maioria das vezes no modelo que temos de jovens negros norte-americanos.

As roupas de times de basquete (que muitos deles não sabem mais do que o nome), tênis coloridos, cordões (muitos deles), anéis e cabelos black powers conferem a estes jovens um visual digno de “Black is beautiful”

REFERÊNCIAS

ALVIN Rosilene; PAIM, Eugênia. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. IN: Alvim, Rosilene e Gouveia, Patrícia. **Juventude anos 90**. Rio de Janeiro: Contra capa Livraria, 2000.

CUNHA, Olívia Maria Gomes. Fazendo a 'coisa certa': reggae, rastas e pentecostais em Salvador. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, n. 23, 1993.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte** [tese de doutorado sob a orientação de Marília Pontes Spósito, da FEUSP] São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2001 [Defesa em julho de 2001].

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

LEACH, E. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: Edusp, 1995.

RIBEIRO, Manoel. **Funk em Debate**. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=16&cod_chave=1&letra=c. Acesso em 25 Maio 2007.

SOUTO, Jane. Os outros lados do funk carioca. In Hermano Viana (Org.). **Galeras cariocas**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.